



DRAGON AGE™ II

CONTOS



SEBASTIAN

POR JENNIFER HEPLER



Príncipes não foram feitos para a castidade.

É o que eu tenho dito a mim mesmo desde que os soldados dos meus pais me arrastaram para este claustro e me deixaram para apodrecer. Eles dizem que sou uma vergonha para o nome da família Vael, que serei um peso no pescoço do meu irmão quando ele vier governar Starkhaven. Digo, se você é um príncipe sem poder, você pode muito bem usar seu título para se divertir.

“Sebastian?” A voz do meu carcereiro, Capitão Leland da guarda pessoal dos meus pais, leal até a morte. Neste caso, minha morte. “Você precisa de mais alguma coisa esta noite, Vossa Alteza?”

“Estou bem.” Deixe-o ir embora. Eu preciso ficar sozinho. Um momento, então seus passos ecoam pelo corredor. Nós fizemos isso todas as noites; ele deveria confiar que eu ficarei na minha cela, obediente, dormindo.

Eu desdobro o bilhete que estava sob meu prato no refeitório.

Sebastian — Sei que você odeia isso aqui. Se quiser sair, venha para a entrada dos fundos à meia-noite. Vou garantir que ninguém nos perturbe.

É uma letra de mulher, fina e suavemente enrolada. Fico imaginando novamente quem pode ter escrito. Outra novíça, certamente. Vi uma garota bonita rezando no altar outro dia; talvez ela também tenha sido dada aqui contra sua vontade.

Verifico a porta. Tenho sido bonzinho; eles ainda não começaram a me trancar. Murmuro uma prece rápida: “Andraste, me ajude a sair daqui e—”

A ironia me pega e eu paro. Não é que eu não acredite. Tenho sido fiel à minha maneira. Aprendi o Canto quando menino e ainda consigo cantar qualquer verso. Tenho dizimado fielmente, cda pequena moeda que já chamei de minha. Eu me posicionei pelo que é certo: lutei contra os traficantes de escravos de Tevinter que pisavam em Starkhaven, fui gentil com nossos elfos. E em troca, Andraste me livrou de uma boa quantidade de encrencas. Antes de hoje, nunca pareceu estranho pedir Sua ajuda para ganhar o coração de uma dama ou uma briga de bar. Mas posso realmente pedir a Ela para me ajudar a escapar de Seu serviço?

Deixe-me ir agora, imploro silenciosamente, e você pode ter o que quiser me pedir mais tarde. Quando eu estiver velho. Na minha aposentadoria farei votos de bom grado, como o avô, só não me faça desistir da minha vida agora.

O salão está vazio. Nenhum sinal, de uma forma ou de outra, de que Ela ouviu.

Meu arco está em minhas mãos. A Grande Clériga Elthina insistiu que eu pudesse ficar com meus pertences, graças ao Criador.

Há uma vela acesa no final do corredor. Lanço uma flecha, e ela passa pelo pavio, deixando-nos na escuridão. Espero, mas ninguém vem. Estou sozinho.

Corro leve e silenciosamente pelo tapete de tecido antivano. Estou acostumado a me mover na escuridão. No final do corredor, uma grande janela está



fechada contra o frio do inverno. A madeira está dura com a umidade e difícil de mover, mas um forte empurrão com meu ombro abre um lado para a noite. Não há árvores do lado de fora da Capela de Kirkwall, mas estou com sorte. Uma das dependências é de madeira e alta o suficiente para ser usada.

Há um rolo de corda no meu quadril, deixado para mim pelo meu misterioso parceiro no crime. Faço um nó apertado logo depois da empena de uma flecha e a deixo voar. Com um rápido adendo à minha oração anterior, penso: Tudo bem, Andraste, se você vai deixar suas Mães me pegarem, faça isso, mas faça essa flecha aguentar. Não consigo pensar em uma maneira pior de morrer do que quebrar meu pescoço enquanto tento escalar a janela da Chantry.

E ela deve estar ouvindo porque a corda está esticada, a flecha é forte, meu aperto é bom e, num piscar de olhos, minhas pernas batem na madeira e estou desenrolando a corda lentamente, descendo.

Uma sombra se move abaixo. Por um momento, praguejo que preciso das duas mãos para a corda, e meu arco está pendurado inutilmente nas minhas costas. Então balanço a cabeça. Se alguém me pegar, não lutarei. Não tenho ódio de ninguém nesta Chantry; são boas pessoas, servindo ao Criador como podem. Meu problema é com meus pais, por me enviarem aqui como punição, por me forçarem a um voto de celibato para proteger os filhos dos meus irmãos de quaisquer herdeiros rivais que eu possa gerar.

Não matarei ninguém pela minha liberdade. É minha para valorizar como eu quiser e não vale uma única vida.

Caio no chão e minhas botas cravam na argila. E agora vejo o que não conseguia antes. Mais de uma pessoa está me esperando na escuridão do muro da Chantria. Esta não pode ser minha misteriosa colaboradora — ela estaria sozinha, não ladeada por templários. Por um momento, penso em fugir, mas meu treinamento inicial é demais. Se perder esta batalha, pelo menos a perderei com dignidade. Príncipes nunca fogem.

Uma das formas dá um passo à frente. É uma mulher, de cabelos grisalhos e vestes carmesim.

“Vejo que recebeu meu bilhete.”

Meu coração salta — pode ser ela, afinal, minha colega rebelde noviça? Mas então reconheço a voz. Afinal, eu a ouvi durante a maior parte da minha vida, liderando o Canto em Kirkwall, em Starkhaven, ao longo das Fronteiras Livres. Grande Clériga Elthina, Mãe de todos nós.

“V-Vossa Graça”, gaguejo. Então me ocorre. “Você enviou esse bilhete?”

Ela se vira para os templários. “Deixem-nos”, diz ela rapidamente, mas eles hesitam. “Não corro perigo algum com Sua Alteza.”

Os templários vão embora e ficamos sozinhos na escuridão.



“Você enviou o bilhete?” Ela assente. “E a corda?” De novo. Agora estou ficando bravo. “Por quê? Só para mostrar o quão desesperado estou? Você acha isso engraçado?”

“Escrevi porque entendo como você se sente.”

Estou à sua mercê aqui. Você realmente precisava me provocar com isso?”

“Sebastian.” Sua voz é cortante o suficiente para me fazer encontrar seus olhos. Eles são cinza-pombo, suaves, compassivos. “Eu jurei servir Andras-te, mas isso não me torna ignorante do mundo. Eu sei que não é sua escolha estar aqui.”

“Não é que eu não tenha fé...” Sinto a necessidade de explicar.

“Eu sei.” Sua voz é baixa, triste, e suspeito que ela esteja dizendo a verdade. “Seus pais querem usar a Chantria para promover seus objetivos políticos.” Ela faz uma pausa. “Isso não é um ato de fé.”

Ela pega minha mão na dela e a vira. Ela coloca uma bolsa nela, pesada com moedas. Eu olho dentro — toda de ouro. “Esta é a doação que eles fizeram em seu nome. Se esta não é a vida que você quer, use-a para fazer outra.” Enquanto eu encaro, estupefato, ela gentilmente fecha meus dedos. “As pessoas servem ao Criador de muitas maneiras, Sebastian. Você não precisa fazer votos para fazer o trabalho Dele.”

Ela me dá um sorriso torto, aprofundando as linhas em seu rosto, então se vira para entrar. Quando sua mão toca a porta, encontro minha voz.

“Mas por quê?”

Elthina se vira, e o luar lhe dá uma auréola brilhante que tenho certeza de que não é acidente. “Porque ninguém deve entrar na Chantria pela porta dos fundos”, ela diz. “O único que pode assumir esse compromisso é você, Sebastian. A porta da frente sempre estará aberta.”

Com isso, ela volta para dentro, e eu estou sozinho na noite. Olho para a bolsa de moedas, o suficiente para me livrar da minha família, dos meus títulos, para sempre. O suficiente para começar a vida que sempre quis, livre para seguir meus caprichos, rir e amar onde eu escolher. O suficiente para ser...

Palavras correm pela minha cabeça: inútil, sem objetivo, egoísta, sozinho.

Eu estava em uma taverna quando o Capitão Leland me encontrou. É lá que quero encontrar meu Criador?

Antes que eu perceba, meus pés estão se movendo, me tirando das sombras, para a luz total das tochas e da lua. “Obrigado”, sussurro para Andraste, antes que minha mão toque o bronze suave da maçaneta da porta, e eu entro na Chantria. Pela frente.



VARRIC

POR MARY KIRBY



O Enforcado: Barulhento, fede a cerveja derramada, carne queimada e a qualquer hora do dia está cheio de pessoas honestas fazendo coisas desesperadas, loucas ou embaraçosas das quais não se lembrarão pela manhã.

Meu lugar favorito no mundo.

Gallard esfrega a orelha e me encara por cima das cartas. “Bem, você está dentro ou não?” O pobre elfo perdeu quatro soberanos até agora, e a noite não está melhorando para ele. Ele se mexe na cadeira.

“Estou dentro.” Jogo outra prata na pilha. “Sir Thrask?” O templário está olhando para sua mão como se a Abençoada Andraste pudesse estar aparecendo para ele. Ela pode estar, pelo que eu sei. Ele tomou três cervejas e está balançando um pouco.

Ao som do seu nome, Thrask levanta os olhos das cartas e aperta os olhos para mim. “Você está blefando. Você não pode me enganar, anão.”

“As últimas três mãos discordam”, Gallard murmura, ainda esfregando a orelha. Ele perdeu uma parte dela — teve sorte em uma luta de facas em Darktown alguns anos atrás, e não consegue tirar as mãos da cicatriz quando está nervoso. “Se você vai pagar, pague. Não fique só olhando para ele.”

“Bom, você pode culpá-lo? Eu sou terrivelmente bonito.” Eu tiro um pouco de pó imaginário do meu casaco. Gallard luta para não rir e consegue quando a porta da taverna se abre.

“Varric Tethras? Alguém viu Varric Tethras?” O mensageiro está com a libré da Guilda dos Mercadores. Não é tanto um uniforme específico, mas uma aura visível de auto importância. Ele não dá mais do que dois passos para dentro, possivelmente por medo de ser atacado ou, mais provavelmente, porque não quer sujar suas roupas com a Cidade Baixa.

“Nunca ouvi falar dele.” Vem o coro ao redor da sala. O mensageiro fica parado na porta por mais um segundo, apertando os olhos para a taverna escura, então se vira e sai.

“Bem, sir cavaleiro?” Eu abro meu sorriso mais charmoso para Thrask, que responde virando o resto da cerveja em sua caneca.

O templário assente. “Vou ver essa prata e lhe dou outra.”

“Estou fora.” Gallard suspira. “E você, sir, é mais louco que um monte de carcajus.”

“Estou dentro.” Sorrio novamente e gesticulo para a garçonete.

“Então agora que perdi quatro soberanos e meio para você, Varric, quero saber: que história é essa sobre seu irmão indo para as Estradas Profundas?” Gallard se inclina para frente, e seus olhos captam a luz como os de um gato.

“Ainda não é uma grande história. Vou ter que esperar e contar para você depois que voltarmos.” A garçonete me traz uma taça de vinho, que eu faço um



grande show ao cheirar. A adega do Enforcado é terrível. Na verdade, eu não bebo nada aqui. Peço vinho porque as pessoas nas tavernas ficam nervosas se você passa a noite toda conversando com elas e nunca tem uma taça na mão.

“Ninguém volta das Estradas Profundas.” Thrask murmura. Ele na verdade bebe aqui. Se eu tivesse o emprego dele, provavelmente beberia mais também.

“O Eddie quatro-dedos está dando a esta expedição as “chances Bartrand” de quinze para um, Varric.” Gallard balança a cabeça. Confie na Coterie para deduzir a minha expectativa de vida. Eu apenas sorrio e balanço a cabeça.

A porta da taverna se abre e outro mensageiro aparece. “Varric Tethras? Preciso encontrar Varric Tethras. É um assunto urgente de negócios.”

“Nunca ouvi falar dele.”

O segundo mensageiro desaparece.

O templário franze a testa. “Você vai ser morto lá embaixo. Ouvi os refugiados de Fereldan falando. Monstros distorcidos que vivem no escuro.”

O elfo assente, esfregando sua orelha mutilada. “Honestamente, Varric. Deixe Bartrand ir sozinho.”

Eu balanço minha cabeça novamente. “Thrask, você está dentro?”

“Eu pago.” Thrask coloca suas cartas na mesa e se recosta, esperando.

“Quatro cavaleiros.” Eu sorrio, juntando meus ganhos. “Eu não aceitaria essa aposta, Gallard. Eu não estou sempre blefando, sabia.”



ISABELA

POR SHERYL CHEE



A mulher que entra no Hanged Man é uma visão, desgrenhada e desleixada, como um rato que está encharcado no porão há uma semana. Sua bata rasgada e surrada pelo tempo está manchada com fuligem das chaminés da Cidade Baixa e suas botas, embora de couro fino, estão bem gastas e grosseiramente remendadas em vários lugares. Seu porte, no entanto, é orgulhoso, até arrogante, e ela entra na taverna como se fosse dona do lugar.

“Eles me disseram que eu poderia arranjar uma bebida aqui”, ela diz, vindo em direção ao bar com um propósito singular. Ela joga meia dúzia de moedas de prata no meu balcão. “O que isso vai me dar?”

“Vai te deixar bêbada o suficiente”, eu digo.

“Então continue trazendo a bebida até a moeda acabar. E deixe-a forte.”

Limpo um copo de barro lascado com meu avental e o encho com a bebida mais potente da taverna. Ela o arranca da minha mão antes que eu termine de servir e vira a bebida de um só gole.

“Você realmente precisava disso, não é?” Eu sirvo outra bebida para ela.

“Você não tem ideia.” Ela suspira e esfrega as têmporas. “Eles me chamam de Isabela, a propósito. É bom você aprender o meu nome. Acho que vou ficar aqui um tempo.”

Não demora muito para um estivador fedorento aparecer. Isabela enrijece ao sentir uma mão, baixa em suas costas. O estivador abre a boca para dizer algo, mas não tem chance. Isabela agarra o homem pelo pulso, torcendo seu braço atrás dele. Seu grito é de choque ao invés de dor, mas isso muda rapidamente quando Isabela bate o cotovelo na parte de trás do seu pescoço, batendo seu rosto no balcão de madeira.

“Me toque de novo, e eu quebrarei mais do que apenas isso”, ela sibila em seu ouvido. E então ela estala os dedos da mão ofensiva. Eu ouço um estalo, vários barulhos nauseantes e um uivo de dor. O estivador se afasta, embalando sua mão e cuspiendo maldições.

“O quê?”, ela diz, segurando o copo vazio para um retil e me desafiando a fazer um comentário, qualquer comentário. Eu gesticulo em direção à sua roupa impressionante — nada além de uma camisa usada sem o benefício de uma jaqueta ou capa, cobrindo apenas o mínimo necessário para a decência. Vista algo assim e você vai chamar a atenção, queira ou não.

“O quê? Isso?” Ela pega os cadarços do corpete e solta uma risada curta e amarga. “Teria me arrumado para você, mas deixei todas as minhas roupas educadas no fundo do oceano.”

Enquanto eu penso no significado disso, um dos rufiões da Cidade Baixa se aproxima do bar. Ele sorri, lábios gordurosos deslizando sobre dentes amarelos



em uma expressão que é mais uma careta do que um sorriso. “Eu sou Lucky”, ele diz.

“Isso é um nome ou uma descrição?”, ela pergunta, nem mesmo olhando para ele.

“São os dois. E se você for novo em Kirkwall, você vai querer falar comigo. Meus meninos e eu sabemos tudo o que acontece nesta cidade.”

“Sabe”, diz Isabela, friamente. “Eu conheci um cachorro chamado Lucky. Coisinha desagradável, e idiota demais para saber quando estava a dois latidos de um chute nas costelas.”

Lucky fica vermelho como uma beterraba e olha para seus companheiros em busca de apoio moral. Os garotos de Lucky zombam e riem, sem oferecer apoio algum, e Lucky bate em retirada apressada. Isabela brinca com o copo de barro, virando-o de um lado para o outro, examinando suas inúmeras imperfeições. Seus olhos se estreitam.

“Espere”, ela diz de repente. “Se você sabe de tudo o que está acontecendo em Kirkwall, talvez devêssemos conversar.”

Lucky acena e sorri. Isabela se vira para ele e vejo um brilho travesso em seus olhos.

“Veja”, ela diz, sorrindo pela primeira vez. “Perdi algo em um naufrágio e gostaria que fosse encontrado.”



FENRIS

POR DAVID GAIDER



Os caçadores estavam atrás dele novamente.

Verdade seja dita, ele já sabia há vários dias. Ele tinha visto nos olhos do estalajadeiro, na maneira como o homem gordo desviou o olhar culpado e se recusou a encará-lo. Ele tinha visto no olhar de pena da prostituta que estava na esquina, e na maneira como ela o encobriu com um sorriso. Os clientes daquela taverna sórdida onde ele ia comprar suas refeições ficaram quietos quando ele entrou agora, e não era o silêncio desconfortável de cidadãos humanos sendo confrontados com um elfo estranho coberto por estranhas marcas de pele e carregando uma grande espada — era o silêncio de homens que sabiam que o problema tinha acabado de entrar pela porta e agora estavam fazendo o melhor para fingir que não existia. Fenris sabia muito bem a diferença.

Ele tinha sido preguiçoso. Apesar do fato de que ele sabia, ainda assim parte dele se recusava a admitir que era assim. Ele tinha esperança de que ele estava errado, que os sinais eram simplesmente a paranoia de um fugitivo. Sua estadia nas últimas três cidades tinha sido cada vez mais longa, seus esforços para cobrir suas marcas distintivas quase inexistentes. Ele disse a si mesmo que isso era um desafio. Deixe-os vir. Deixe-os tentar levá-lo de volta, se eles ousassem. No fundo, no entanto, ele se perguntava se ele não tinha simplesmente se cansado da perseguição.

Agora era a hora. Ele já tinha limpado seus poucos pertences do quarto na pousada e pulou pela janela. Ela levava a um beco escuro nos fundos, com saliências suficientes embaixo para que uma descida rápida fosse facilmente realizada. Foi por isso que Fenris escolheu o quarto após uma inspeção que fez o estalajadeiro encará-lo preocupado. Ele quase teve que se perguntar quanto tempo levaria para o homem gordo antes que a curiosidade, ou a falta de pagamento, o levasse a conferir e descobrir que Fenris havia sumido. Uma semana, talvez menos, se o estalajadeiro fosse quem o havia traído.

Não havia nada no beco, exceto alguns ratos solitários e um elfo vagabundo dormindo contra uma pilha de lixo. Fenris parou e olhou para o homem com desgosto. Ele pensou em se misturar mais depois de escapar do Império. Em uma terra onde os elfos eram livres, certamente mais um elfo passaria despercebido? Ele tinha sido um tolo, é claro. Como ele poderia saber que tantos de seu povo desperdiçariam sua liberdade vivendo como gado assustado? Se suas únicas opções fossem se vestir tão humildemente quanto os humanos locais esperavam que seus elfos fossem, fugir para encontrar os clãs errantes que vasculhavam a terra em busca de quaisquer restos que os reinos humanos jogassem para eles, ou lutar... então sua escolha era clara.

O vagabundo acordou quando Fenris sacou a espada larga de suas costas. O elfo gritou de terror repentino, mas Fenris o ignorou. Havia outros chegan-



do agora, envoltos nas sombras do beco — pelo menos dois de cada lado e... um acima? Ele escutou e ouviu o mais leve raspar nas telhas de barro acima. Sim, sem dúvida um besteiro. Eles pensaram que o tinham imobilizado.

Fenris se lançou em direção ao fim do beco que se afastava da rua principal. Ali, ele levava a um labirinto de pátios sinuosos, esgoto e varais de roupa pendurada... mas seria mais escuro lá, mais fácil para ele correr sem despertar a guarda da cidade. Por que os caçadores nunca tentaram subornar a guarda para ajudar na caçada, ele não sabia dizer. De qualquer forma, ele se despistou dos guardas em outra cidade e eles impediram seus esforços para escapar tanto quanto impediram os caçadores. Não valia a pena o risco.

Fenris se lançou em direção ao fim do beco que se afastava da rua principal. Ali, ele levava a um labirinto de pátios sinuosos, esgoto e varais de roupa pendurada..., mas seria mais escuro lá, mais fácil para ele correr sem despertar a guarda da cidade. Por que os caçadores nunca tentaram subornar a guarda para ajudar na caçada, ele não sabia dizer. De qualquer forma, ele havia se desviado da guarda em outra cidade e eles impediram seus esforços de escapar tanto quanto impediram os caçadores. Não valia a pena o risco.

O vagabundo gritou de medo e se levantou bêbado, mas Fenris já havia passado por ele. Duas figuras longas se aproximaram, mal visíveis, mas se movendo rápido agora que perceberam que sua presa estava ciente da perseguição. Fenris teve um vislumbre de marrom. Soldados Tevinterianos, então. Ótimo, isso tornaria tudo mais fácil. Não que ele não matasse mercenários com a mesma facilidade, mas era menos agradável do que abater cães como esses.

Um amplo arco de sua lâmina jogou o primeiro caçador para o lado enquanto ele aparava. O segundo correu para frente, esperando tirar vantagem de uma abertura — apenas para encontrar o punho de Fenris. As marcas em sua pele brilharam intensamente, o lírio dentro delas enviando magia rastejando por sua carne, e seu punho atravessou o capacete do homem e acertou diretamente sua cabeça. Ele parou bruscamente, atordoado de terror.

Então eles não foram avisados. Idiotas.

As marcas de lírio brilharam novamente quando Fenris solidificou parcialmente seu punho. O caçador deu um pulo para trás, sangue jorrando de sua boca e ouvidos. Agora o primeiro caçador já estava recuperado e balançando sua lâmina. Fenris habilmente puxou o segundo pela cabeça, colocando-o no caminho do golpe. A espada cortou profundamente o ombro do homem, e com um chute ele os fez voar juntos contra a parede de tijolos. Seu punho estava coberto de sangue vermelho escuro.

Ele teria ficado para acabar com eles, mas os outros caçadores já estavam descobrindo as coisas. Uma flecha de besta passou voando pela cabeça de Fenris,



quase arranhando uma de suas orelhas, e ele podia ouvir as botas de mais soldados correndo em sua direção. Ele correu para o beco, saltando sobre o caçador que lutava para empurrar seu companheiro morto, e correu para o labirinto. Portas escuras passavam enquanto ele corria. Ele cortou varais e jogou barris para criar obstáculos atrás dele. Eles definitivamente o estavam perseguindo — ele podia ouvi-los xingando em tevingeriano, e o besteiro acima lutando para se posicionar.

O primeiro par de persianas abertas que viu e Fenris mergulhou. Ele pousou em uma cozinha cheia do cheiro de pão assando, e uma mulher humana gritou enquanto ele rolava para ficar de pé. Sem dúvida, a visão de um elfo em armadura justa, carregando uma lâmina quase tão grande quanto ele, não era uma visão bem-vinda. Ele se levantou e notou a mulher surpreendentemente bonita, vestida com uma camisola que revelava mais do seu decote do que ela sem dúvida esperava, pressionada contra a parede.

Ele sorriu para ela, e ela gritou novamente. Então ele pegou um pão recém-assado do balcão e correu para a porta da frente do casebre. Um soldado já estava subindo pela janela, fazendo a mulher gritar mais uma vez e desmaiar. Os outros estariam vindo para a frente, então ele tinha que sair antes que...

...Ele parou de repente. Ele conhecia o homem que estava na porta: capa marrom e cabelo preto como azeviche mal cobrindo aqueles olhos sem alma. Sem falar uma cicatriz em seu pescoço, uma que Fenris havia feito. Malditas poções de cura e sua magia suja. Por que ninguém conseguia ficar morto?

“Avanna, Fenris. É bom ver você de novo.” A voz do caçador era um ronronar frio enquanto ele erguia sua besta e apontava a flecha para o peito de Fenris. O do telhado, então. Esperto.

“Considerando o que aconteceu da última vez, estou surpreso que você decidiu tentar de novo.”

“Não é mais só sobre a moeda, escravo.” Ah, como Fenris adorava quando eles diziam isso. “Não tem medo de perder a cabeça para sempre?”

“Não quando temos a chance de pegá-lo. Você se tornou descuidado. Hora de se entregar.” O outro caçador tinha pulado pela janela, e ele podia ouvir outros gritando na rua. Ele supôs que ele, realmente, tinha apenas duas escolhas: desistir e esperar por uma chance de escapar mais tarde... ou arriscar.

Não era realmente uma escolha. Ele apertou o punho de sua lâmina e sorriu para o caçador, devagar e mortal.

“Vishante kaffar,” ele sibilou. E então atacou.



MERRIL

FOR MARY KIRBY



“Cuidado onde pisa, da’len.”

O aviso da Zeladora chega tarde demais — como sempre — e tropeço na rocha, machucando os joelhos e perdendo a pele das palmas das mãos na rocha irregular da montanha. Mythal’enast! Algum dia, aprenderei a prestar atenção onde piso. Eu me esforço para ficar de pé, com as mãos cobertas de sangue, e olho em volta.

Estamos aqui.

A boca da caverna é insuportavelmente assustadora, mesmo para Sundermount, que você pensaria que estava tentando ganhar algum tipo de medalha do terror. A montanha mais aterrorizante de Thedas, talvez. A névoa surge da escuridão como se estivesse respirando, e a encosta ao redor dela é árida. Uma boca aberta, devorando toda a vida ao seu alcance...

Não é um bom mindset, Merrill. Pense positivo! Pelo menos o tempo está bom.

“Você também sente isso, então.” A voz da Zeladora me traz de volta à realidade. Ela está olhando para mim com expectativa... o que significa que esqueci algo. Tento alisar minha túnica e consigo manchar a frente com sangue. Maravilha. E ainda não sei o que ela está esperando... ah! Respostas. Certo.

“Sim, Zeladora. A voz é muito mais alta aqui.” O sussurro puxa meus pensamentos, e posso entender se me concentrar. No acampamento, eu só conseguia ouvir isso em meus sonhos, e as palavras se perdiam ao acordar. Restava apenas uma lembrança de uma terrível solidão. Até a Zeladora acordou soluçando na segunda noite.

Venha até mim.

Eu tenho um calafrio. Esta é definitivamente a fonte.

“Siga-me, da’len. E mantenha seu juízo sobre você. A Zeladora desaparece na boca faminta da caverna. Respiro fundo e entro.

A escuridão é como um choque depois da encosta ensolarada da montanha. Como pular em uma piscina de água gelada em um dia quente. Meus olhos se adaptam à penumbra, passamos por uma passagem estreita para uma grande câmara e vejo... ruínas. A luz brilha através das rachaduras no teto, quebrada pela mudança do tempo e pelas raízes das árvores. Não é uma caverna no fim das contas? Um templo ou uma tumba ou... não sei o que é isso. Estranho.

“Não parece élfico, parece, Zeladora? Tevinteriano, talvez?” Eu olho para a Zeladora, que está olhando silenciosamente para algum tipo de arco com um semblante de desaprovação que eu conheço muito bem. Pobre arco. Não fez nada.

“Se este lugar fez parte da guerra, então não importa quem o construiu. É perigoso.” A Zeladora se vira para o arco, aparentemente ignorando-o. “Se não é da guerra, é desconhecido e provavelmente ainda é perigoso.” Tenho certeza de que há uma falha em seu raciocínio em algum lugar, mas parece que o meio da



caverna-túmulo assustadora é um lugar ruim para argumentar. Ela desce uma escada curta para o templo abaixo.

Eu sigo atrás dela, dando um tapinha reconfortante no arco enquanto passo.

Venha até mim.

A voz vem do outro lado do templo, de uma estátua feia de uma grande coisa agachada... com muitos braços e pernas. Bom, isso não é nada promissor.

“Quem nos chama?” A Zeladora exige, se recompondo. Ela parece do jeito que imagino que os elfos de Arlathan pareciam, majestosos e sábios, e o timbre de sua voz diz, Não me importa se você é um espírito, eu vou te espancar se você me der uma razão. Ela repreendeu um sylvian selvagem com aquela voz uma vez, e ele tropeçou parecendo envergonhado de si mesmo. Bem, tão envergonhado quanto uma árvore pode parecer, de qualquer forma.

Me ajude.

Oh, essa não foi a resposta certa de jeito nenhum.

A Zeladora Marethari parece aumentar de tamanho, tornando-se um pilar imponente de Dalishes raivoso. “Nomeie-se! Ou seja deixada em seu silêncio.”

Eu sou Alguém Que Está Preso. Me ajude.

“Seu nome!” Nunca vi a Zeladora tão brava. Nem mesmo quando Tamlen desapareceu.

Três parece ser o número mágico. Audácia. A voz é como um vento de inverno, amargo e áspero.

“Um demônio...” A Zeladora cospe a palavra como se tivesse um gosto ruim. Ela acena para mim, “...Preso à estátua. Não ameaçará o acampamento.” Ela se vira para ir embora, satisfeita.

Espere! Estou presa aqui há um tempo incontável. Testemunhei a queda do seu reino. Ajude-me, Zeladora dos Dalish, e eu lhe darei conhecimento de tudo o que vi. Por um momento, tenho visões do mundo como ele era antes. Um império que abrangia todas as Thedas, cidades brilhantes dos elfos... *Tudo isso poderia ser seu.*

“Venha, da’len.” A Zeladora acena. A visão desaparece.

Eu me viro e a sigo para a luz.



AVELINE

POR LUKAS KRISTJANSON



Minha vigília — ninguém morre esta noite. O pensamento era claro, repetindo-se ao ritmo de seus passos. Aveline du Lac correu pela escuridão, seus olhos em fogos distantes. Ninguém morre esta noite.

Aveline era um dos trinta recrutas posicionados fora de Dales End, um lugar remoto que não via um soldado do rei há anos. Seu comandante havia escolhido o local para suas “colinas fora da lei” — bandidos e feras estranhas serviriam como treinamento de combate. Mas esta noite era diferente. Um escudeiro ferido havia mandado a mensagem: templários em apuros. Desavisados ou conscientes e tolos, seis haviam entrado em uma propriedade a algumas léguas de distância, e algo havia dado muito errado.

A dúvida chegou ao seu destino. Aveline deu de ombros e correu. Ela estava de guarda, ainda com o equipamento completo enquanto todos dormiam. Seus companheiros seriam rápidos em reunir as armas e segui-la, mas o medo no escudeiro havia ditado a urgência, então Aveline partiu sozinha. Ela sabia do risco — o dever da semana era expulsar os salteadores, não tornar a terra segura para correr no escuro. Mas um soldado nem sempre tem o luxo de preparar cada passo. Às vezes, tudo o que importa para a lança é o destino.

A dúvida chegou novamente. Aveline deu de ombros e correu.

Árvores ralas deram lugar a uma clareira que parecia segurar a lua no alto. Um homem lutava para se aproximar de uma pequena propriedade, agarrando uma lâmina torta, seu cabelo escuro emaranhado de suor. Mesmo à distância, Aveline podia ver que sua couraça — item templário — estava rachada no lado esquerdo. Três cortes na melhor armadura, de nenhuma arma que ela conhecia. A dúvida estendeu sua a mão a ela. Ela a dispensou sem pensar duas vezes e se ajoelhou ao lado dele.

“Soldado do rei. Ouvimos seu chamado. Há outros?” Ela falou em um tom monótono enquanto começava a trabalhar, arrancando tiras de seu tabardo para enfaixar os ferimentos do homem. Eles eram profundos, mas sua resposta foi marcada por admiração, não dor.

“Pelo Criador, mulher! Você tem o sangue deles da cabeça aos pés!”

Aveline piscou e olhou para si mesma e depois para o caminho que havia seguido. O icor negro se arrastava pelas hesitações de sua corrida, pelas dúvidas que ela mal havia reconhecido – deformidades em garras agora se dissolvendo na terra, como cinzas líquidas. Ela os havia negado, seus ataques eram inconscientes, automáticos. Ela sentiu um arrepio com a estranheza deles, mas afastou isso da mente.

“Precisamos tirar você daqui”, disse ela, levantando o templário. Mas uma vez endireitado, ele se voltou para a mansão. Um brilho amarelo doentio delineava a porta.



“Não”, disse ele, estabilizando-se. Ele apoiou a lâmina no chão e forçou-a a ficar reta com seus pés. “Se ele se manifestar plenamente neste reino, nunca iremos enjaulá-lo.” Aveline olhou o homem de cima a baixo: pálido, sangrando, sem nenhum traço de medo. Ela nunca havia entendido os templários. O mundo deles parecia impossivelmente distante do dela. Suas palavras eram absurdas. Ele também poderia estar louco. Então ele baixou a cabeça e acrescentou calmamente: “Ninguém mais morre esta noite”. Aveline o encarou, reconhecendo o soldado por trás do brasão. Ele olhou para trás, em um minúsculo movimento, e ela também conhecia aquele olhar: avaliação. Ela poderia ajudar e talvez sobreviver.

“Tudo bem, templário,” ela disse, balançando a cabeça, mas sacando sua lâmina. Eles olharam para a porta por um momento, lado a lado. A luz atrás da porta pulsava em um batimento cardíaco vil. “Não acredite em nada do que isso diz,” ele avisou.

“Eu não vou,” ela disse claramente. Ele levantou uma sobrancelha diante da sua confiança. Aveline olhou feio. “Ou você sabe das suas próprias questões, ou não.” Ele assentiu severamente e se virou para a porta, mas ela podia dizer que ele estava procurando por palavras, como se a combinação certa pudesse tornar esta reunião normal.

“Sir Wesley Vallen,” ele começou. “E você é...?”

“Esperando para ficar impressionada.” A resposta dela foi mais fria do que ela pretendia, um instinto nascido de longas semanas em companhia grosseira. Ele não reagiu, mas isso a irritou e ela se forçou a tentar novamente.

“É Aveline”, ela ofereceu, “e você pode me impressionar mais tarde”. Ela estremeceu ao ver como isso soava impróprio e ficou em pé por vários segundos antes de procurar a resposta. O olhar de Wesley permaneceu fixo na porta, mas um sorriso surgiu em seu rosto. Mais uma vez, Aveline de alguma forma sabia o que ele pensava. Uma pequena tolice acabara com a escuridão; talvez suas lâminas também fossem tão fortes quanto.

“Se você diz,” ele falou, com um sorriso que era... caloroso.

E com um vínculo repentino e uma determinação fortalecida, os dois tiraram a porta das dobradiças.

“Um cavaleiro, você diz?” Benoit du Lac olhou para sua filha com olhos turvos, sua voz fina, mas esperançosa. Aveline segurou sua mão, hesitando.

“Ele é um templário, pai.”

“Pish,” ele cuspiu. “Então ele não tem posses. Um desperdício de você.” O escândalo ecoou pela enfermaria, trazendo olhares furiosos das irmãs assistentes. Aveline as ignorou e olhou para as portas da Chantria escondendo a agitação da Denerim além. Ela suspirou e se virou, temendo argumentos familiares. Mas o



velho havia amolecido enquanto se deitava em seu beliche. Talvez ele já estivesse muito cansado dos custos da vitória.

“Ele é um homem bom?”

Ela olhou para o céu, os pensamentos afetuosamente em outro lugar. “Eu acredito que sim.”

“Então pode adotar o nome dele”, ele disse, a contragosto.

Aveline riu, sacudindo a cabeça. — “Você sabe que eu não estava pedindo permissão.”

O velho sorriu e fechou os olhos. “Essa é a minha garotona.”



ANDERS

POR JENNIFER HEPLER



A luz aqui não está certa. É muito amarela. Muito forte. E tudo isso vem de cima. Por um momento, não tenho certeza do porquê isso parece errado. O sol... sempre esteve lá, certo? O que estou lembrando?

A palavra volta para mim. O Imaterial. Eu sou um mago. Passei um tempo no lugar que me lembro. É uma terra de neblina, de sonhos. E estou certo; a luz lá é diferente, emanando do chão, das paredes, e não de uma única fonte pontual. Mas nunca fui mais do que um visitante ali. Por que de repente me sinto em casa?

O que mais não consigo lembrar?

Sento-me e a luz brilha, escurece, estabiliza. A pulsação na minha cabeça retorna e sem pensar, eu respiro mana para afastá-la. A dor desaparece à medida que a magia se instala sobre ela, acalmando-a, esfriando-a. Procuro pensar. Vamos começar por algo simples. Meu nome. Qual é meu nome?

Eu sou Anders.

Eu sou a Justiça.

Isso nunca foi tão difícil. Eu sou Anders.

De repente, isso volta para mim. A voz de Justiça, minha voz, falando através da face podre do corpo que ele uma vez reivindicou. “Está na hora. Você me mostrou uma injustiça maior do que qualquer outra que já enfrentei. Você tem coragem de aceitar minha ajuda?”

Para permanecer no reino mortal, ele precisa de um hospedeiro, um corpo para habitar por toda a vida, não um cadáver que apodrecerá debaixo dele. Se eu desse isso a ele, ele me daria tudo o que tinha, tudo o que era. Juntos, poderíamos refazer Thedas em um mundo onde a justiça governa, não o medo.

Um mundo sem Círculo. Sem templários. Um mundo onde todo mago pode aprender a usar seus dons e ainda voltar para casa à noite. Onde nenhuma mãe precisa esconder seu filho... ou perdê-lo para o medo dos vizinhos. Onde a magia é reconhecida como um presente do Criador, e não como a maldição em que se tornou.

É quase demais para imaginar. O Círculo, os templários, eles moldaram minha vida. Eu não tinha mais do que doze anos quando eles vieram me buscar. Minha mãe chorou quando eles prenderam as correntes em meus pulsos, mas meu pai ficou feliz em me ver partir. Ele estava com medo, desde o incêndio no celeiro. Não apenas com medo do que eu poderia fazer, mas com medo de mim, com medo de que minha magia fosse uma punição por quaisquer pecados mesquinhos que ele imaginasse que o Criador julgasse.

Eu sempre soube que não me submeteria. Eu nunca poderia ser o que eles queriam de mim — complacente, obediente, culpado. Mas antes da Justiça, eu estava sozinho. Eu nunca pensei além da minha própria fuga: Onde eu me es-



conderia? Quanto tempo até eles me encontrarem?

Agora, até esse pensamento me repugna. Por que tantos deveriam viver com o que eu não vou viver? Por que o Círculo dos Magos deve permanecer? Só porque sempre permaneceu, só porque aqueles que leram as palavras de Andraste as distorceram para dizer que os magos devem ser prisioneiros? Por que nunca houve uma revolução?

“Ele está voltando a si.” Uma voz, se aproximando. Alguém que eu conheço. Um Guardião Cinzento.

“O que em nome do Criador aconteceu com ele?” Há dois deles. Este eu não conheço.

“Ele simplesmente enlouqueceu. Seus olhos estavam brilhando... Sua pele ensanguentada rachou e era como se ele estivesse pegando fogo por dentro. Apenas continuou delirando... algo sobre injustiça, uma revolução. Pensei que teria que acabar com o canalha como um cachorro louco, então ele simplesmente desmaiou.”

“Malditos magos.”

Eu me esforço para ficar de pé, para abrir meus olhos e encará-los como um homem, não a pilha mastigada de vômito de hurlock que eu me sinto. Eu posso vê-los agora. É Rolan; claro que é. O preço que eu tive que pagar pela generosidade dos Guardiões Cinzentos em me recrutar debaixo do nariz dos templários. Ele era um deles, antes de sua Chantria ser destruída pelas proles das trevas e ele sentiu o chamado para se juntar aos Guardiões. Ninguém nunca disse que um acordo havia sido fechado, mas assim que os templários cessaram seus protestos, Rolan apareceu nos Guardiões, e nós cumprimos todas as missões juntos desde então. Está muito claro que os templários o enviaram para ficar de guarda.

E o que me deu para fazer o acordo com Justiça onde ele pudesse testemunhar?

Quando ele aparece, eu me arrependo dessa escolha de palavras, porque algo se agita dentro de mim, e eu me pergunto se é mais difícil para Justiça exercer sua vontade em um corpo que uma consciência viva ainda habita. Mas é uma pergunta fútil, porque seus pensamentos são meus e ele sou eu, e eu não tenho mais certeza do que eu sequer estava perguntando.

Rolan está na minha frente agora, e o grifo branco em seu peito se confunde à minha vista com a espada de chamas cinza-azul na armadura de seu companheiro, e eu sei com absoluta certeza de que Rolan me traiu.

“Os Guardiões concordaram que não podemos abrigar uma abominação”, ele está dizendo, a voz anasalada vibrando com uma satisfação presunçosa, e não preciso ouvir mais nada. Ele trouxe os templários para cima de mim, para cima



de nós, e é exatamente isso que estávamos esperando.

Não me vejo quando me transformo, apenas o reflexo em seus olhos e o som de seus gritos. Meu braço ataca e a prata prateada não quebra, mas explode em uma chuva de metal derretido. A espada derrete, escorrendo pelo peito do templário, e eu sigo com uma onda de chamas que queima a carne de seu rosto, deixando apenas osso tão quente que arde. As árvores estão queimando... a tenda... tudo ao nosso redor.

Rolan ainda está de pé, e sinto o cheiro do lírio que ele bebeu, que o protegeu da explosão. Mas ele está com medo. Vejo seu escudo tremer e sei que ele mal resistiu à vontade de fugir, e tenho um pensamento repentino: “O que eu sou?”, pois o vi enfrentar Mães Malditas e abominações sem medo.

E então sua espada está nivelada com meu peito, e eu a deixo vir, porque é apenas aço e não pode me machucar, pois eu não sou um homem mortal. E quando ela afunda até o punho em minha carne sem nenhuma reação, é quando ele desiste. Ele se vira e corre, e por trás, eu arranco sua cabeça do pescoço, sem mágica, apenas eu, o que quer que isso seja agora. Seu sangue espirra em minha boca aberta e tem gosto de vinho com mel e o calor se espalha por mim. Ele me odiava, e ele está morto. Ele me temia, e ele está morto. Ele me caçou, e ele está morto.

Todos eles morrerão. Cada templário, cada irmã sagrada que estiver no caminho de nossa liberdade morrerá em agonia e suas mortes serão nosso combustível. Teremos justiça. Teremos vingança.

E de repente estou sozinho, de pé em uma floresta em chamas, com os corpos de templários e guardiões aos meus pés. Tantos, e eu nem sabia que eles estavam ali. Sequer sabia que os tinha matado, mas as evidências estão ao meu redor. Não o rescaldo de uma batalha como eu conhecia, mas um matadouro sangrento de membros dilacerados e carne rasgada e comida.

Isso não é justiça. Este não é o espírito que era meu amigo, eu mesmo. O que ele se tornou? O que eu me tornei? Precisamos sair daqui. Não há lugar para mim nos Guardiões Cinzentos agora.

Existe um lugar para mim em algum lugar?





**QUADRINHO
PENNY ARCADE**



SE LEMBRA DE QUANDO ÉRAMOS SÓ NÓS
DOIS? UM MONTE DE TESOUROS, E NADA
PARA FAZER ALÉM DE CONTÁ-LOS?

EU ACHO QUE GOSTAVA
MAIS DAQUILO.



MAS NÃO TÍNHAMOS NENHUMA
LUTA COM QUNARIS!



ESSA ERA A PARTE
QUE EU GOSTAVA.



AMANHÃ, ISSO TUDO VAI SER UMA OUTRA HISTÓRIA.
VOCÊ ESTÁ COMEÇANDO A FAZER SEU NOME PARA VOCÊ
COM TODO ESSE HERÓISMO. HAWKE.

EU? UM NOME? MELHOR DO QUE "CAPITÃ
ISABELA SANGUINÁRIA, BRUXA DE TODA COSTA?"



NÃO PEÇO DESCULPAS PELO
MEU DOM.

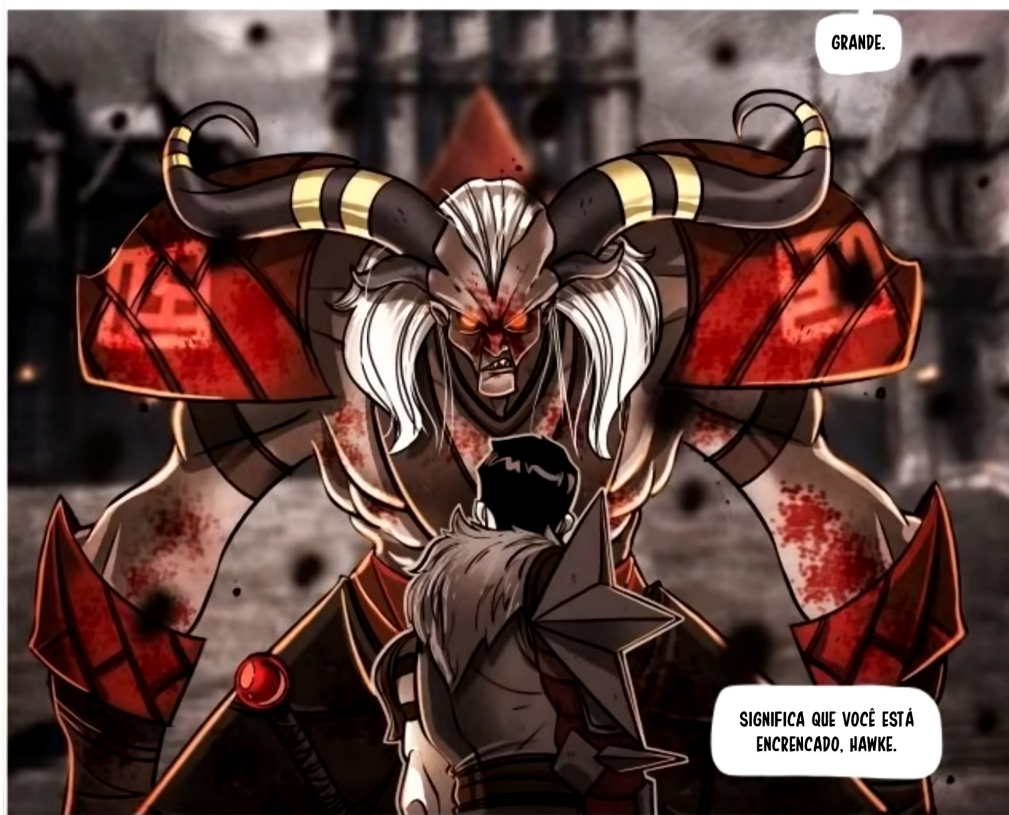


QUE É?



EU SOU BOA EM ACHAR COISAS
ANTES QUE ELAS SE PERCAM.







Disclaimer: Esse material foi editado e traduzido por Gabriel Rossi (@Capetabixatongo) nesta coletânea. Portanto, se trata de um material trabalhado por fãs e todos os direitos pertencem a Bioware.

Os textos originalmente publicados não estão mais disponíveis mas ainda é possível encontra-los em: https://dragonage.fandom.com/wiki/Dragon_Age_Wiki na seção de “short stories”.

Para mais conteúdo de Dragon Age, visite os canais no YouTube:

- <https://www.youtube.com/c/Guardi%C3%A3oCinzento>
- <https://www.youtube.com/c/OMegasc%C3%B3pio>
- <https://www.youtube.com/@flaviagasi/featured>